

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Arte e imagem:
contextos,
migrações,
contaminações**

A cidade nos álbuns fotográficos

Zita Rosane Possamai
UFRGS

Resumo

Investigo os álbuns fotográficos de vistas urbanas produzidos em Porto Alegre, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Pude observar características distintivas entre as criações autorais, realizadas por artistas fotógrafos, e aquelas produzidas por editores, que passaram a assumir a responsabilidade pela seleção de imagens, pela concepção final e comercialização ou distribuição da publicação. Ainda investigo as representações visuais da cidade presentes nos álbuns e a relação dos fotógrafos com o campo artístico no contexto estudado.

Palavra Chave

Fotografia, cidade, álbum fotográfico

Abstract

I investigate the photograph albums of urban views produced in Porto Alegre between the end of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century. I could observe distinctive characteristics among the works of the photographer authors and the ones made by editors which were responsible for the selection of the images, for the final conception and the trade or distribution of the publication. I am still investigating the visual representations of the city which appear in the albums and the relationship the photographers have with the artistic field in the studied context.

Keywords

Photography, City, Photograph Album.

As vistas urbanas ganharam o formato de álbuns, sendo sua produção e difusão responsável pela intensificação da circulação das imagens das cidades no final dos novecentos. Concebidos por diversas razões, os álbuns de vistas são elementos interessantes para a investigação histórica e lançam indagações que contribuem para a história do urbano e para a história visual¹, que tem a fotografia como um objeto de investigação. O álbum é por um lado, artefato, inserindo-se no circuito social de produção e circulação das fotografias². Por outro lado, reúne um determinado número de imagens, permitindo uma leitura visual de conjunto.

Em Porto Alegre, cidade localizada na parte mais meridional do Brasil, os álbuns tiveram sua produção a partir do final do século XIX. Os Irmãos Ferrari, fotógrafos italianos radicados na cidade, foram os primeiros a produzirem vistas urbanas sob encomenda e mediante assinatura mensal. Ao finalizar a produção do conjunto, uma caixa acondicionava essas fotografias. Foram várias as edições de vistas sob esse formato, demonstrando que o consumo da fotografia e das vistas urbanas era hábito entre os porto-alegrenses, ao menos entre um seleto grupo de compradores.

Os primeiros álbuns fotográficos de vistas urbanas produzidos pelo estúdio fotográfico dos Ferrari foram seguidos nas décadas seguintes por aqueles de impressão tipográfica. O fotógrafo Virgílio Calegari, contemporâneo dos Ferrari e também italiano, teria sido o pioneiro em produzir um álbum com vistas urbanas através de impressão e não de reprodução fotográfica, como era tradicionalmente feito pelos Irmãos. Para realizar tal intento, o autor recorreu a um grande centro gráfico europeu, Milão, provavelmente para garantir a qualidade requerida pelo artista e diminuir os custos de produção.

A consideração de Jacinto Ferrari e Virgílio Ferrari pelos jornais e revistas ilustradas corrobora a idéia de inserção dos fotógrafos no campo artístico, distinguindo sua produção daquelas criadas por qualquer pessoa através das câmeras portáteis, amplamente difundidas pela publicidade entre o final do século XIX e início do século XX.

Assim, os álbuns de vistas de Ferrari e Calegari podem ser inseridos na produção artística do período, assim atestada por diferentes expedientes de consagração artística, entre os quais se encontravam as exposições. Athos Damasceno³ mostra que desde a primeira mostra coletiva de artes plásticas, realizada no Rio Grande do Sul em 1875, a fotografia esteve presente. Nas exposições subseqüentes, os mais importantes fotógrafos do estado fizeram-se representar, sendo em várias delas premiados.

A associação dos fotógrafos aos artistas, por outro lado, afirmava o estúdio fotográfico como *locus* do fazer artístico. Luiz Terragno era associado do

1 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornelia. NOVAES, Sylvia (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 33-56.

2 FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: _____. *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991. P. 11-37; LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no séc. XIX*. São Paulo: EDUSP, 1991. P. 59-82.

3 DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*: contribuição para o estudo do processo cultural sul-riograndense. Porto Alegre: Globo, 1971.

desenhista e pintor Bernardo Casseli; Virgílio Calegari teve ao seu lado por muitos anos o professor e artista Vincenzo Cervásio; os Ferrari atuaram ao lado de Boscagli, Carlos Fontana, Frederico Trebbi e Ricardo Albertazzi; este último artista também atuou com o fotógrafo espanhol Francisco Iglesias. Dessa forma, o estúdio fotográfico pode ser considerado como lugar de produção artística e de exposição de arte, conforme atestam os convites publicados nos jornais para as mostras ali realizadas. No entanto, o acesso especialmente ao retrato fotográfico produzido em estúdio era, certamente, restrito a determinado segmento da sociedade. Quase sempre os retratos⁴ à mostra nos estúdios ou nas vitrines das lojas da Rua da Praia referem-se a personagens políticos, pessoas públicas ou damas da sociedade.

Na direção contrária, a produção de vistas urbanas e sua comercialização podem ser pensadas como estratégia de disseminação das imagens fotográficas entre uma parcela maior de porto-alegrenses. Os álbuns, dessa forma, permitiriam a maior circulação das imagens e a viabilidade econômica de um ofício que tentava diferenciar-se, a partir da disseminação das câmeras portáteis e do acesso a um maior número de pessoas à criação de imagens fotográficas.

A forma de divulgação das vistas dos Ferrari – comercializadas por encomenda – permite perceber a aura envolvida na criação da imagem fotográfica, nos mesmos moldes da obra de arte. Era produzida e colocada à disposição dos assinantes apenas uma imagem por mês, sendo esta exposta nas vitrines das principais lojas do centro da cidade. Os jornais tratavam de potencializar a divulgação de uma única imagem fotográfica por vários dias durante o mês, até ser produzida a imagem seguinte. Finalmente, ao final da coleção, eram colocadas à disposição dos assinantes as caixas do “álbum-pasta”.

Essa característica altera-se consideravelmente com os álbuns editados na cidade nos anos 1920 e 1930⁵. Essas primeiras vistas e álbuns de Porto Alegre eram elaborados pelos próprios profissionais fotógrafos, ao passo que os álbuns produzidos nas décadas seguintes eram impressos tipograficamente e editados por um órgão oficial do governo ou por um editor privado. Ao contrário dos álbuns de estúdios que privilegiavam, única e exclusivamente, as vistas urbanas – em alguns casos associadas apenas às legendas – os álbuns impressos continham textos, geralmente dispostos no início e no final da edição, que forneciam informações sobre a cidade em seus variados aspectos. As imagens fotográficas eram impressas em frente e verso da folha, sendo que uma única página poderia conter várias imagens. As imagens eram em tamanho menor e a qualidade do papel também era inferior, diminuindo, conseqüentemente, ainda mais o seu custo, o que leva a pensar que estes tenham tido uma maior circulação em relação aos

4 Sobre os retratos fotográficos produzidos em Porto Alegre, ver SANTOS, Alexandre Ricardo dos. *A fotografia e as representações do corpo contido (Porto alegre 1890-1920)*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997, 2.v. II e SANTOS, Alexandre Ricardo dos. O gabinete do Dr. Calegari: considerações sobre um bem-sucedido fabricante de imagens. In: ACHUTTI, Eduardo Robinson. (Org.). *Ensaaios (sobre o) fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998. P. 23-35.

5 Para maiores informações, consultar POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. 2 v. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

primeiros álbuns de vistas urbanas, acessíveis a poucos. A profusão de imagens, apresentadas em variados tamanhos e associados a textos marca os álbuns editoriais.

O álbum fotográfico poderia ser produzido com finalidade de divulgação dos feitos realizados pelos governantes, como é a característica de *Obras Públicas*, editado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1922. Nele estão reunidas imagens localizadas em Porto Alegre, tais como as obras de construção do Cais do Porto e de edificações públicas, como escolas, prisões, hospitais, quartéis.

Diferentemente, os álbuns *Porto Alegre Album*, editado em 1931, e *Recordações de Porto Alegre*, editado em 1935, foram produzidos por editor privado. O primeiro foi editado pelo escritor Pedro Carvalho nas *Officinas Graphics* do jornal *A Noite*, em sistema de rotogravura; o segundo teve edição realizada e comercializada pela Livraria do Globo, importante casa editorial do sul do país, no contexto estudado.

Eram oferecidos em Porto Alegre os serviços de tipografia, fotogravura e rotogravura, conforme atestam os anúncios publicitários publicados nos jornais de circulação no período. As diversas revistas ilustradas que circularam na cidade desde o início do século XX demonstram a capacidade técnica de impressão das imagens fotográficas. Os sistemas mecânicos de fotogravura e rotogravura permitiam a impressão de ilustrações e imagens e foram largamente utilizadas no início do século xx para edição das revistas ilustradas, álbuns e jornais.

A fotogravura surgiu juntamente com a fotografia, tendo como base a gravura em metal e a xilogravura, processos artísticos existentes. Trata-se de um processo de gravação fotoquímica em relevo realizada sobre metal, em geral zinco ou cobre, para impressão tipográfica. A rotogravura ou heliogravura consiste na gravação da imagem em cilindro de cobre para impressão rotativa. Os dois processos foram utilizados no Brasil para indicar os procedimentos de gravura química através da luz para impressão tipográfica ou calcográfica. Como esses processos tecnológicos eram novidade na cidade, os editores dos álbuns faziam questão de ressaltá-los na elaboração de suas publicações. Dessa forma, demonstravam a qualidade técnica da impressão das imagens fotográficas.

Embora esses serviços estivessem disponíveis, era vantajoso realizar as impressões na Europa. Mesmo no centro do Brasil, assim procedia um dos maiores editores de livros do país no início do século XX, Francisco Alves. Isso explica a iniciativa do fotógrafo Virgílio Calegari de buscar um centro europeu para imprimir seu álbum de vistas. Essa situação altera-se, no entanto, com a Primeira Guerra Mundial, levando ao encarecimento da produção impressa.

Os álbuns editados a partir dos anos 1920 são impressos no Brasil. *Porto Alegre Álbum* é impresso na década de 1930, nas oficinas do jornal carioca *A Noite*. Na Livraria do Globo, onde foi editado *Recordações de Porto Alegre* e impresso o álbum da Diretoria de Obras. A casa oferecia os serviços de fotogravura e o manejo técnico da impressão de imagens, motivo pelo qual era procurada para a realização desse tipo de trabalho.

A edição de *Recordações de Porto Alegre* é uma edição realizada e comercializada pela Livraria do Globo, editora que se tornara a mais importante do Brasil fora do eixo Rio-São Paulo nos anos 1930 e 1940, editando autores nacionais e também traduzindo clássicos da literatura universal. Um dos carros-chefes da editora era a Revista do Globo, editada pelo jovem Érico Veríssimo que apresentava abundantes fotorreportagens sobre o cotidiano da cidade, além de matérias sobre outras regiões brasileiras e do exterior.

Enquanto as imagens fotográficas dos Ferrari e de Calegari eram comercializadas como obras autorais desses artistas, os álbuns editoriais continham imagens produzidas por diferentes fotógrafos. Além disso, a autoria perde-se no conjunto de imagens, pois estas não são informadas pelo editor. Apenas às imagens assinadas é possível atribuir autoria. Essa característica mostra a diluição da relevância da autoria do fotógrafo no contexto de edição dos álbuns, onde o conjunto da obra e a temática exaltada são preponderantes. Os álbuns, dessa forma, passam a obedecer aos ditames da produção e consumo de livros.

Ainda pode-se estabelecer um diálogo dos álbuns editoriais com as revistas ilustradas em relação à qualidade estética das imagens fotográficas, embora o viés da fotorreportagem e do instantâneo não sejam características dos álbuns de vistas estudados. No caso de *Recordações de Porto Alegre* é facilmente perceptível o acesso às imagens por parte de seus editores, uma vez que a editora produzia também a Revista do Globo, podendo, dessa forma, dispor de uma quantidade de imagens para seleção.

Dessa forma, as vistas urbanas presentes nos álbuns editoriais ganham maior significado a partir das relações estabelecidas no interior do conjunto. Os motivos fotografados e as opções técnicas e estéticas dos fotógrafos devem ser observados a partir de um conjunto criado com objetivos de elaboração de sentidos pelo editor, seu produtor visual.

Destacam-se, como características de enquadramento em grande parte das imagens reunidas nestes álbuns, as tomadas realizadas a partir do ponto de vista central e tomadas com câmera alta, ideal para captar um maior número de elementos do espaço urbano, como no caso de ruas, praças, largos ou confluência de avenidas. Neste caso, o fotógrafo posiciona-se em torres de igrejas ou nas sacadas e janelas de edifícios situados nas proximidades do motivo a ser registrado. Algumas vistas aéreas permitem visualizar panoramas da cidade, privilegiando especialmente a área central e a orla do lago Guaíba que margeia Porto Alegre. Destacam-se algumas fotografias noturnas, que procuram ressaltar com atenção os aspectos modernizantes trazidos ao espaço urbano pela iluminação elétrica.

No álbum editado pelo Governo do Estado e *Porto Alegre Álbum* a tônica gira em torno de imagens em formato horizontal, com destaque, neste último, para as edificações apresentadas verticalmente, principalmente aquelas de altura mais elevada. Já em *Recordações de Porto Alegre* a presença de edificações de vários pavimentos é uma marca da publicação, multiplicando-se, desta forma, o formato vertical das mesmas, por este permitir tecnicamente a visualização integral da construção. Os altos edifícios, considerados pelos idealizadores da publicação como “magníficos arranha-céus e prédios suntuosos”, são fotografados em tomadas diagonais - feitas em geral nas esquinas, quando a localização do mesmo o permite - que valorizam a volumetria arquitetônica dos mesmos.

Nessas imagens, elementos móveis, como transeuntes e automóveis, são incluídos na cena fotografada de modo a conferir maior dinamismo à imagem, contribuindo para a construção de sentidos ligados ao objetivo de apresentar uma cidade de feições modernizantes. Assim, as tomadas são orientadas de acordo com o propósito não apenas de atestar a presença desses elementos concebidos como paradigmáticos da urbe moderna - como os altos edifícios, a iluminação elétrica, o serviço de bondes - mas também de maximizar sua valorização na perspectiva de construção de um ideário do moderno.

Esse imaginário, além de nortear a concepção e elaboração das imagens por seus criadores, está explícito na reunião dessas imagens em um álbum. Assim, o objetivo de divulgar a cidade de Porto Alegre está presente no texto de apresentação dos editores das duas publicações de caráter privado analisadas, aspecto que as diferencia em relação à publicação oficial. Este último não contém textos, apenas títulos dispostos na parte superior das imagens e legendas colocadas na parte inferior, mostrando ser um formato mais próximo aos álbuns editados pelos estúdios fotográficos no século XIX. Nos textos são enfatizados os melhoramentos pelos quais está passando a cidade nos últimos dez anos, enumerando as benfeitorias realizadas, aspectos que poderiam ser visualizados nas imagens fotográficas que valorizam as características concernentes ao ideário de uma cidade moderna, higiênica e bela.

É possível encontrar nesses álbuns vestígios sobre o público consumidor almejado pelos editores. De acordo com os textos neles presentes, os álbuns têm como alvo preferencial o público brasileiro e estrangeiro, vindo a se constituir, inclusive, em um convite à visita, no caso de *Porto Alegre Álbum*, ou em uma lembrança de viagem, no caso de *Recordações de Porto Alegre*. Neste último, a edição visa especialmente os *forasteiros* que por ventura visitassem a cidade por ocasião dos festejos relacionados à Comemoração do Centenário da Epopéia Farroupilha, em 1935. Várias imagens da Grande Exposição organizada no Parque da Redenção contidas no álbum mostram que a publicação do mesmo ocorreu durante o próprio evento, provavelmente tendo sido comercializado no mesmo local.

Editado com a finalidade especial de divulgar a cidade aos visitantes da mostra em comemoração ao *Centenário da Revolução Farroupilha*, aberta em 20 de setembro de 1935, o álbum configurou-se, tal como a própria exposição, como veículo a contribuir na construção de uma visualidade da modernidade urbana através das imagens fotográficas. O sucesso da mostra foi tão expressivo - inclu-

sive pelo número significativo de visitantes - que é plausível supor o sucesso alcançado na comercialização de *Recordações de Porto Alegre* por seus idealizadores.

O álbum fotográfico, nesse contexto, colocou-se como artefato perene a ser levado pelos visitantes da mostra e da cidade; como objeto de recordação, conforme seu próprio título sugere. Finda a mostra e finda a visita, permaneceria a imagem de uma cidade bela, higienizada e moderna. A mostra, e o álbum constituíram-se como balizadores de um momento definido a ser eternizado como memória. Foram transformadas em peças comemorativas não apenas do episódio histórico ao qual se refere o título da grande exposição, mas também do progresso e da modernidade urbana alcançados pelo estado do Rio Grande do Sul nas primeiras três décadas do século XX.